



(?)? Pergunta dentro de pergunta

Ricardo Basbaum

Este texto é uma reflexão do artista sobre seu próprio trabalho, pretendendo abrir uma interrogação no interior das questões formuladas em seu projeto NBP – Novas Bases para a Personalidade. Escrito de modo a enfatizar a oralidade, procura estabelecer uma conversa com o espectador, de modo a conduzi-lo a uma relação de proximidade. Discute aspectos da recepção da imagem e do projeto "Você gostaria de participar de uma experiência artística?"

Novas bases para a personalidade; experiência artística; imagem.

Boa noite a todos. Gostaria de aproveitar a ocasião para comentar junto com vocês alguns aspectos de meu projeto de trabalho, em progresso desde 1989, chamado NBP, que é a sigla que criei para a fórmula Novas Bases para a Personalidade. Preocupa-me neste momento fugir de um apanhado 'retrospectivo', para não lançar a conversa no passado; preocupa-me também a idéia de uma especulação voltada para o 'futuro'. Mas é certo que não escaparei aqui da oportunidade de fazer um balanço das ações realizadas nos últimos anos: balanço em aberto, junto com vocês – que têm acompanhado de perto muito do que mostrarei aqui –, que serão convidados explicitamente a intervir em tudo o que eu vier a colocar daqui para a frente, nesta conversa. Mas o principal desafio desta noite, creio, será lançar tudo o que tenho feito em uma atualidade, mostrar que as pesquisas aqui demonstradas pulsam junto aos nervos dos dias de hoje, participam dessa vibração, produzem – junto com as coisas que os outros aqui presentes fazem – reverberações decisivas e decididas.

Cabe ainda a pergunta, afinal, "o que é NBP?" ? (Não sei se puderam perceber, mas acabei de enunciar uma pergunta dentro de uma pergunta. Como responder a tal artefato sintático? Com uma resposta dentro de uma resposta?) Na primeira vez em que foi enunciada, eu certamente estava apenas perguntando a mim mesmo algo, que por um 'acidente qualquer de percurso', veio a público. Está claro que não perguntei

antes a vocês "o que é NBP?". Hoje, sim, eu devolvo a pergunta, como pergunta dentro de pergunta, querendo ouvir, querendo saber, querendo arrancar alguma coisa – como efetivamente tem acontecido, está acontecendo e acontecerá no projeto que desenvolvi, estou desenvolvendo e desenvolverei em torno de uma "experiência artística", em que recebo de volta respostas quanto ao uso de um objeto NBP (falo disso adiante).

1 Imaterialidade do Corpo, 2 Materialidade do Pensamento, 3 Logos Instantâneo; corpo, mente, instante; invisibilidade, visibilidade, velocidade; pele, pensamento, comunicação; gesto, ação, estratégia; vocês, eu, agora. Esses traços configuram a primeira resposta. As linhas de um rápido plano de trabalho pairam como vetores de um projeto.

Uma primeira pausa:

trabalhar com projeto, hoje, indica uma certa opção no rol das escolhas possíveis e impossíveis, pelas quais somos colhidos, antes que possamos escolher. Resolvi colocarme nessa direção, compondo uma obra que vai se alastrando de uma proposição a outra, como um conjunto de serpentes deslizando pela areia, combinando entre si a construção de um labirinto oitocentista – não o Grande Labirinto, mas aqueles do tipo newyorkaises, mais entertainment. Configura também – talvez não tão diretamente quanto parece, mas é uma consequência inevitável a ser assumida – um posicionamento frente ao circuito de arte nos termos de um outro

funcionamento, de circulação mais difícil: nas curvas de um projeto de trabalho em progresso superpõem-se muitas vezes as determinações do artista e do crítico, do escritor e do artista, as exigências da fluência de um pensamento. As malhas dessa rede são delicadas e circunstancialmente posicionadas em direção diversa de uma demanda mais imediata, exigente de uma identidade clara e transparente às necessidades de um certo tipo de mecanismo de circuito e mercado. Será? Vejam bem: nada do que disse se ancora numa posição preconcebida, mas em resultados e respostas concretas advindas do processo de circulação e recepção do trabalho que tenho feito. E se coloco isso, aqui, é pela importância que cada novo exercício possui na construção desse espaço que me interroga, que se anuncia outro, diverso.

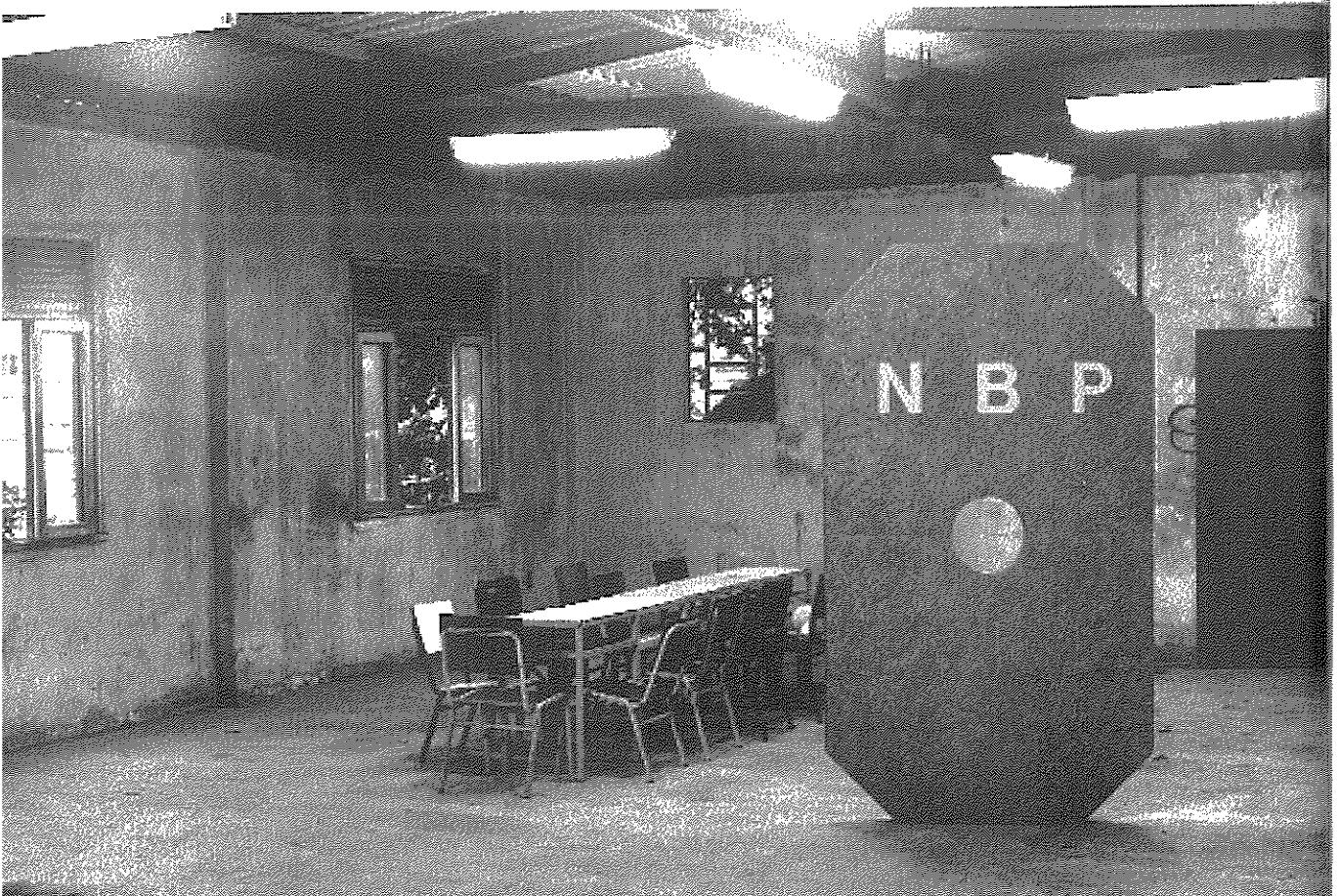
(tento comentar muito rapidamente um aparente caso de delay na recepção da obra, que de resto é tipicamente brasileiro: "e, agora, como vocês respondem a minha pergunta, se já deveriam tê-la respondido?"

Marcel Duchamp, se aqui nascido, jamais escreveria O Ato Criador, em que discute o papel do público na recepção da obra de arte.)

Estratégia, apenas? Não.
Assinatura, então? Nunca.
Hipnotismo? Talvez.
Reduccionismo? Pouco.
Exoterismo? Qual nada.
Subliminaridade? Um pouco.
Propaganda? Algumas doses.
Narcisismo? Não desconfio...

Intervenção pouco modesta, nos registros visual e verbal da arte, ambicionando a produção de marcas... em você.

Repito:
Intervenção ambicionando conectar os registros visual e verbal da arte, querendo ser produtivo, para que você... fale (eu quis dizer, participe).



Repito:

Estratégia de continuidade no universo das conversas artísticas de modo a prosseguir por meio de novas ações.

Repito:

Estratégia envolvendo trabalhos em registros diversos, num exercício de provação da elasticidade do verbo e do seu... ouvido.

Afirmo (eis, agora, finalmente, a resposta dentro da resposta):

NBP é estratégia que é intervenção que é verbivisual que é mergulho afetivo que é fale-você-mesmo (speak-it-yourself) que é imprinting ou estampagem que é atualização que é envolvimento e incorporação que é compressão signica que é enigma generoso que é distanciamento íntimo que é obra em progresso que é...

...foi

...é

...foi

...é

...foi

...é

...foi

...é

foié. Desculpem-me pela derivação onomatopéica, que soa como foyer, que não está longe de nossa galeria nem de nossa galera.

A memória da memória, essa jóia delirante: até aqui, hoje, fiz mais do que evocar a memória de fatos produzidos vividos ou testemunhados. Trago fatos novos, ainda que sob imagens com a sensação de já vistas. Existem aquelas que não cansamos de ver e aquelas que nos provocam enjôos. Entre as primeiras, aquelas que convocamos em momentos especiais, que nos socorrem; entre as últimas, as que evitamos cordialmente e aquelas das quais fugimos – as que nos perseguem! Quero ocupar-me por um instante das últimas entre as últimas, as que vêm atrás de nós e as que nos vêm.

As imagens que nos perseguem muitas vezes só vêm atrás de nós porque fugimos delas e demonstramos reações corporais, suores, outras respirações – ainda que por movimentos de poucos centímetros, só

registrados por sensores. Trata-se de caso semelhante aos mais modernos artefatos bélicos, os mísseis termossensíveis. Vejam: talvez, se não forem notados nosso pequeno volteio do rosto, os olhos que piscaram um pouco mais acentuadamente ou o espasmo do músculo da coxa esquerda, não ocorrerá a incômoda perseguição. Ou seja, sejamos indiferentes e nos protegeremos contra visões e divisões – assim dito, parece simples, fácil, indolor. Mas receio ter que admitir que não existe assim escape tão fácil. A imagem que caracterizo desse modo tão ativo de fato nos vê, arranca em nossa direção, chispa em nosso encontro, derrama-se pegajosa às vezes, outras como um vento suave ou brisa leve insistente. Estratégias de defesa através da indiferença só alcançam realmente efeito se aquela imagem que nos ataca *não existir* para nós, se sua existência jazer naqueles outros mundos dos quais o nosso não faz parte – outro regime, outro território. Mas ao mínimo indício de co-habitação, de sincronicidade espaço-temporal... estamos expostos, localizados, vulneráveis. Imagens que agem, acham, caçam, correm, fluem; que vêm e vêem, bizarramente emancipadas.

Muitas nos descobrem pela memória, mas não de fatos passados – isso seria absurdo! Pois o problema aqui é o da memória como recurso de tempo presente, da experiência aqui e agora, do inesperado e impensado. Talvez aí resida nossa falta de defesa: forjar, num átimo, resistência àquilo que nos surpreende, capturá-lo, desmontá-lo, analisar os pontos fracos e preparar o contra-ataque... haverá tempo, ainda? Indiferença, o único escape? Implantes de memória, foi do que falamos. Mas esses só se processam através de mecanismos signicos de compactação, da redução sucessiva, da concentração de energia.

"quanto mais poetamos poesia" (não sei se a grafia está correta) é a fórmula simpática de Augusto de Campos que importamos não tardiamente, mas como sinal moderno-redundante de um processo precisamente condensado. Anunciamos, sem pompa, a presença da compressão (vejam: não é colocar mais onde cabia menos,

mediante o acúmulo absoluto de dados em um espaço limitado. Essa *compressão sônica* de que falamos passa pela produção de *minimos-significantes*, com função deflagradora de conteúdos que, no caso aqui, são *artísticos* – nem sempre é possível produzi-los, pois exige-se adequação da proposta ao processo). Anunciamos, igualmente sem pompa, a presença de uma fabricação de memória, levada a cabo no mesmo processo. Resumindo: é só no corpo de alguém, como suporte (eu, nós, vocês, eles, elas), que o signo comprimido funciona, ativando algo ou sendo desativado (o que é a mesma coisa).

Admito que creio que, a partir daí, algo *acontece*.

E isso nunca será pouco.

Deste ponto, exatamente, partem meus mapas: do que acontece ou pode acontecer. Como quando duas pessoas se encontram, eu e você, *you and me*... ou se desencontram. E também quando se dividem, divergem, embarçam-se; nodulam e modulam-se. Enrolam, envolvem, amarram-se. Convergem ou escapam: linhas de fuga ou de demarcação, atração e repulsão, contigüidade, vizinhança. Vazios, cheios, laterais, transversais, fluxos e refluxos. O tema do invisível está presente, em termos físicos, à maneira do espaço desta sala compreendido enquanto coleção de ondas de rádio, televisão, radiações de todos os tipos, sejam cósmicas ou eletromagnéticas, ultravioletas ou infravermelhas, atômicas ou subatômicas, raios-X, beta ou gama. Acrescentem, a todo este movimento, as linhas ondulantes do corpo orgânico e psicológico: vejam, os mapas tornam-se nem tanto representações cartográficas, mas muito mais *superfícies de registro* das coisas que acontecem a nossa volta, indo e voltando de e para nossos corpos – campo afetivo irradiado.

Quando a indicar algumas pistas, recorreremos a outros mapas, à maneira de roteiros. "Alguém já passou por ali?" "Poderia dar-me tal informação?" Impossível, as referências mudam muito rápido, o que parecia se foi, mas posso perfeitamente ter-me enganado.

"Vamos, olhe de novo." Sim, insista, mas, aparentemente, tudo que havia para ser visto já o foi. Olhe uma, duas, três, quatro, cinco, seis... n vezes – deixe-se conduzir. Gostaria apenas de que a sensação de poucos caminhos fosse substituída pelas muitas opções de cadências e ritmos, numa topografia minimamente divertida; nenhum deserto árido (que é, afinal, uma das opções).

Sob o risco calculado de voltar a um ponto já aqui delineado, o problema que se repete é de que modo desenhar/escrever um diagrama como roteiro de acontecimentos em pleno processo de sua efetivação. Não há um *depois* suficientemente seguro como abrigo para elaboração tão sutil nem há qualquer *antes* que valha a pena sem nossos roteiros. Então...

Francamente, quem nunca pediu socorro ao outro quando a situação se afigura incômoda? Ah... mas nem sempre é assim; tudo, afinal, se inverte. Vejam: como poderíamos ser interpretados se, em vez disso, pedirmos ajuda ao outro para *produzir* uma situação não necessariamente cômoda? (*nova* talvez soe melhor). Pois recorrer ao outro pode ser provocá-lo(a), pressioná-lo(a), para arrancar algo que não sabemos ainda o que pode ser, mas no qual apostamos, investimos. E que será aceito como o que nos fará desviar (ou do que desviaremos). Quero comentar onde estou agora, por quais flancos me inclino, curvas de derrapagem. "Você gostaria de participar de uma experiência artística? Aceitaria utilizar este objeto em sua casa por um mês?"

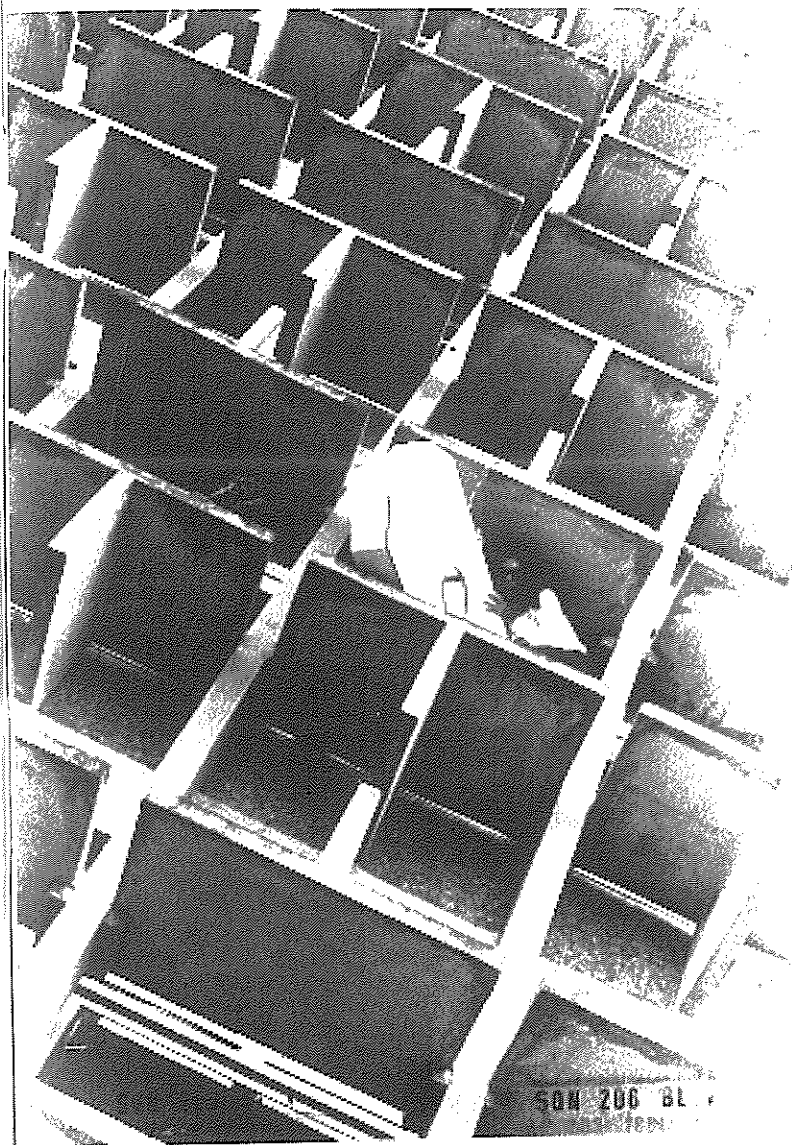
O contra-senso de ir ao encontro de alguém que não conheço, sem local ou hora marcados, acharia equivalência, talvez, em narrativas de viajantes, exploradores, navegantes, todos os que se embrenham por passagens e paisagens desconhecidas. Mas todos possuíam em mente um esboço de seus desejos, do que desejavam encontrar: ouro, riquezas, terras, descobertas científicas – o elo perdido! Mas uma experiência artística não pode funcionar com o desejo prévio de qualquer resultado, pois isso seria colocar-me no lugar de quem experimenta... Imponho-me um limite, até onde posso e

devo ir, o que me é permitido fazer, etc. Ou, melhor, entender o objeto e a proposta de trabalho enquanto portadores desse eu que recua e recusa, desse bater em retirada estratégico em prol da futura invasão... deles! Naquele *container* não entro, não posso nem devo, de jeito nenhum – será que é porque já estou lá? Nunca! Perigosa armadilha, que evita que eu também seja produzido, transformado e alterado por esse processo. Vejam: pedir para que outras pessoas façam algo com o objeto é a *minha* proposta de experimentá-lo! (caímos numa cadeia em regressão infinita). Não seria ainda exato. Esforço-me, aqui, para minimizar

a presença de um gesto inicial, inaugural, mas é exatamente o ponto ao lado do objeto – fora dele, como uma nuvem por cima, ou um bater de ondas ao lado e embaixo – que me indicam como local para constituir-me, posicionar-me, ocupar espaço. Garantem-se assim a consistência da proposta e um possível trânsito, no tempo presente. Essa experiência sobrevive na tensão entre meu desejo de fuga e desaparecimento e a razoabilidade da existência de um possível artista.

Obrigado.

Ricardo Basbaum é artista plástico, professor assistente de História e Teoria da Arte do Departamento de Educação Artística da Uerj e coordena, com outros artistas, o Espaço Agora/Capacete, no Rio de Janeiro. Co-editor da revista de arte *item*.



Este artigo foi apresentado originalmente em palestra realizada no Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho (Castelinho do Flamengo), no Rio de Janeiro, em 29/01/96, a convite de Aimerê Cesar.